

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

LESSA, Renato. *Renato de Andrade Lessa (depoimento, 2009)*. Rio de Janeiro CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 36 p.

RENATO LESSA
(depoimento, 2009)

Rio de Janeiro

2010

Nome do entrevistado: Renato Lessa

Local da entrevista: CPDOC / FGV, Rio de Janeiro

Data da entrevista: 04 de novembro de 2009

Nome do projeto: Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa (CSPLP):
Histórias de Vida

Entrevistadores: Helena Bomeny e Karina Kuschnir

Câmera: Marcela Baptista

Transcrição: Júlia Ribeiro Aguiar

Data da transcrição: 17 de março de 2010

Conferência de fidelidade: Julia S. L. Lanzarini de Carvalho

Data da conferência: 17 de março de 2010

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Renato de Andrade Lessa em 04/11/2009. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Helena Bomeny – Renato, muitíssimo obrigada pela sua vinda, eu queria só antes esclarecer um ponto: essa não vai ser exatamente uma entrevista de trajetória de vida sua, e a gente espera que faça isso ainda, mas é uma entrevista temática como eu te falei, esse é um Projeto em que a gente recupera informações sobre essa ligação nem sempre tão viva entre Brasil e países de língua portuguesa e a gente sabe da sua importância nisso. Então a gente quer um pouco recuperar essa motivação, como é que isso começou, como é que é a sua visão desse tema e aí a gente vai completando com perguntas que nós próprias temos a respeito...

Renato Lessa – OK. Então, primeiro eu quero agradecer muito a vocês por terem feito esse convite, eu venho aqui com a maior alegria, por vários motivos, e, no que diz respeito ao tema, especificamente, quer dizer, há muita ação sendo feita já há muito tempo, mas nós não temos muita memória. Então esse Projeto é uma oportunidade, assim, espantosa porque muita coisa foi feita, não é? Tudo começou - se é que é possível falar de um começo porque a história das aproximações entre intelectuais brasileiros e dos outros países de língua portuguesa é uma história quase que imemorial, não é?-, mas no passado recente, tudo começou com a criação dos chamados Congressos Luso-Afro-Brasileiros de Ciências Sociais, não é? A primeira edição desses Congressos foi nos anos 90, teve lugar em Coimbra e teve impacto muito grande e foi feita por iniciativa do pessoal de Coimbra, o Boaventura Souza Santos teve um papel muito grande nisso, e esses Congressos, de uma maneira quase que milagrosa, porque milagrosa, por que eles não têm uma base institucional permanente por trás de si, são Congressos que não são feitos por uma associação internacional, eles migram, quer dizer, a cada dois anos uma universidade de um país diferente, ou instituto de pesquisa ou o que seja, fica com o encargo de organizar. Então não há continuidade institucional entre esses formatos.

Então, milagrosamente, desde... Acho que 90 foi o primeiro, a gente pode checar...

Karina Kuschnir – A gente entrevistou o Boaventura e ele... Foi 90.

R.L. – Pois é, então, milagrosamente, a cada dois anos, de uma maneira quase que assim suíça, com apenas uma exceção do último, mas, enfim: com uma regularidade impressionante esses congressos vêm acontecendo, até o último que foi no ano passado... Não, foi esse ano, era para ter ocorrido em 2008, acabou...

K.K. – Fevereiro de 2009...

R.L. – Por problemas internos da Universidade de Braga, Universidade do Minho lá em Braga, eles acabaram adiando para fevereiro, mas sem alterar significativamente a seqüência, não é? E foram organizados Congressos tanto em Portugal como no Brasil - nós fizemos aqui dois ou três -, como também em África. Isso foi uma coisa interessante: Moçambique, primeiro Moçambique e depois Angola organizaram, do meu ponto de vista, com muito sucesso.

H.B. – Você participou desde o primeiro?

R.L. – Não, não, eu participei, eu assisti um Congresso Luso-Afro que foi feito aqui no IFCS, eu acho que foi o segundo, de 92. Foi o segundo...

H.B. – É. Eu estava nesse...

R.L. – Mas eu me vinculei mais diretamente a partir do Congresso que houve em Maputo, que foi em 98. Nessa altura eu era Diretor Executivo do IUPERJ e nós, por uma decisão de política nossa de inserção nossa no mundo, digamos assim, definimos que seria importante a gente ter, desenvolver uma conexão mais forte com Portugal e com os países lusófonos. Então isso fez com que a gente fosse, quer dizer, eu fui com vários colegas, praticamente uma delegação, tendo uma participação muito ativa no... Eu falo nós por isso, não porque seja um plural majestático [risos] . A gente fez uma participação muito ativa nesse Congresso e nesse Congresso a gente, inclusive, quer dizer, o IUPERJ ficou encarregado de editar, pela primeira vez, a revista que surgiu nesse contexto, chamada *Revista Travessias*, de modo que a partir daí, minha relação pessoal e a da minha instituição nesse primeiro momento passou a ter um peso, quer dizer, passou a ser uma das instituições relevantes nesse cenário, dos diferentes países e das diferentes instituições.

Mas eu acho que isso foi o lastro, essa é a base do que recentemente aconteceu, quer dizer, são Congressos que atraem muita gente e são Congressos que permitem uma circulação de pesquisadores dos diferentes países em torno de temas que nem sempre coincidem com os desenhos dos nossos congressos aqui no Brasil. São mais... São menos, digamos, menos típicos das nossas associações...

K.K. – Como?

R.L. – Por exemplo, tem uns temas que para a gente não eram freqüentes. O tema do colonialismo, por exemplo, esse não era um tema fundamental na pauta das ciências sociais brasileiras, com essa aproximação passou a ser; o tema das migrações, que a gente sempre tratou aqui do ponto de vista das migrações internas, não é? O trabalho do Cebrap sobre isso nos anos 60 foi muito importante. Então nós entramos em contato

com outros mundos, com outras... Outros mundos que embora falem uma língua parecida com a nossa, eram completamente estranhos, não é? Se a gente pegar...

H.B. – São outros...

R.L. – São outros mesmo. São estranhos do ponto de vista até institucional, quer dizer, a cooperação científica brasileira nas nossas áreas ela é predominantemente com os Estados Unidos, com outros países da Europa, e só recentemente Portugal e, secundariamente os outros países de língua portuguesa entraram nesse campo, nesse contexto. Então de uma maneira geral assim eu diria que o que nós temos hoje, eu vou falar sobre isso depois, não é, resulta de uma aproximação que foi feita ao longo desses anos todos em que equipes de pesquisa se consolidaram, afinidades foram testadas, e foram...

H.B. – Mas vamos para a origem: é interessante que tenha sido uma iniciativa de um português, não é?

R.L. – O Boaventura ele foi, quer dizer, eles tomaram a iniciativa de fazer aquilo em Coimbra e tem um mérito que não pode ser retirado, mas se não houvesse adesão da comunidade científica portuguesa num certo sentido e da malta em volta, dos outros países, aquilo não teria decolado, não é? Porque embora tenha sido uma iniciativa deles, quer dizer, não é... Acabou sendo, acabou criando um patrimônio que é, na verdade, compartilhado por muita gente. Então o pessoal de Lisboa teve um papel muito grande nisso, o pessoal do ICS, o Manuel Vilaverde Cabral foi desde o início fundamental nisso daí, e nessa primeira edição desse Congresso houve uma adesão, por exemplo, muito grande do primeiro time da ciência social brasileira, daqueles que ocupavam, assim, o primeiro time, não é? Quer dizer: Fernando Henrique esteve nesse primeiro Congresso, por exemplo, Gilberto - Gilberto esteve em todos- , Gilberto estava lá presente e, enfim, isso também é uma coisa interessante que nas edições subsequentes, por razões de dificuldade até de organização do próprio Congresso, a participação de pesquisadores brasileiros acabou excedendo o campo das ciências sociais e acabou incluindo gente de outras áreas: muita gente de educação que aparece, serviço social. Eu sinto que houve uma espécie de desconsideração do ponto de vista da lógica “Qualis” e “Lattes” desse congresso como um congresso internacional relevante. Eu acho que, digamos assim, na avaliação que nossos colegas de profissão fazem do ranking dos congressos internacionais, esse é percebido como menos charmoso ou menos relevante do que outros como o da Ipsa, por exemplo.

H.B. – Pela ampliação, você acha?

R.L. – Por várias razões, não é? Pela ampliação, certamente, mas acho que mais do que isso: eu acho que nós estamos ainda vinculados à idéia de que o espaço internacional é um espaço de língua inglesa, não é? E nós não estamos preparados ainda para aceitar o fato- não a idéia, o fato - de que a língua portuguesa é uma língua internacional, uma língua que conecta comunidades intelectuais diferentes, que praticam modalidades diferentes até do português, tem sensibilidades diferentes, tratam de objetos diferentes, tem diversidade teórica interna, ou seja, tem os requisitos mínimos para você chamar de comunidade científica internacional, não é? Mas entra a tirania das agências, entra, enfim, critérios artificiais que acabam por definir que tal forma de associação é mais importante do que as outras...

H.B. – Talvez pelo fato das línguas centrais não acolherem o português para publicação, como língua falada em congressos e...

R.L. – É, é. Eu acho que isso conta, sim. No último congresso a gente conversou muito sobre isso e a idéia é, inclusive, avançar para uma associação, quer dizer, fazer com que esses congressos tenham agora uma base associativa permanente, não fiquem migrando não é? Porque a migração é complicada porque ela quebra a memória, é descontínua, você não consegue acumular o que o outro grupo fez na versão anterior... Então a idéia é criar uma associação muito leve - para também não virar um foco de disputa hegemônica, que logo vira, não é?-, muito leve, federada, com seções temáticas dispersas, quer dizer, o poder, digamos assim, vai estar num dos grupos temáticos que vão se organizar e, sobretudo, capaz de manter uma publicação permanente que já existe, mas é muito espasmódica...

K.K. – Errática.

R.L. - (...) Muito errática, não está nem sequer indexada ainda.

K.K. – E Renato, essa primeira, essa ida a Maputo em 98 foi a sua primeira ida à África?

R.L. – Foi, foi minha primeira experiência na África.

K.K. – Como é que foi?

R.L. – Foi uma descoberta, assim... Eu não fazia idéia do que eu ia encontrar lá, e encontrei um país magnífico, me apaixonei logo à primeira vista, eu achei Moçambique um país... Fui à Moçambique antes da grande catástrofe que aconteceu em meados dos anos 90: uma enchente terrível no rio Nipupo, que cortou o país no meio e foi o fim, foi uma catástrofe talvez incomparável que se abate sobre o país, assim, num período tão curto. Então eu encontrei um país, naquela altura, que estava saindo do período da guerra colonial, da guerra interna, começando um processo de pacificação política, com um entendimento político entre os dois grupos que haviam estado em luta armada um contra o outro e um país começando a levantar, quer dizer, já melhorando alguns indicadores não é? Enfim... Comunidades organizadas, o Estado começando a criar capacidade mínima de governo, de controle sobre o país e uma cidade extremamente bonita, agradável, que é Maputo que fala muito ali do tipo de presença que os portugueses tiveram na África, que se por um lado tem uma dimensão colonialista, por outro lado tem uma dimensão ... Alguma coisa aí foi criada, não é? E a planta urbana de Maputo, ela não cabe num discurso acusatório de que os colonialistas vieram aqui para extrair nosso sangue, nos explorar, quer dizer, pelo menos no mínimo isso é parte da história, a outra parte é o legado que ficou ali. Uma vida universitária muito intensa, internacionalizada, relações fortes com a África do Sul e com países europeus também...

H.B. – E aí, curiosamente, o problema da língua fica menor.

R.L. – Descobri que Moçambique faz parte da comunidade dos países de língua inglesa, dirigem do lado direito, conduzem do lado direito, não é? Quer dizer, então eles tem uma inserção engraçada: eles fazem parte da comunidade dos países de língua portuguesa,

mas eles se percebem um pouco como membro da [Como eu] – um pouco isso. E nos contatos subsequentes, uma elite política que a mim pareceu com espírito público considerável, quer dizer, sobretudo a turma que trabalha na área de ciência e tecnologia e educação também, eles fizeram um esforço brutal de capacitar cientificamente o país ao mesmo tempo que fazendo um esforço de, enfim, de divulgação, de democratização do conhecimento.

H.B. – Você acha que esse programa de qualificação de recursos humanos... As universidades receberam muitos desses alunos, não é? Isso pode ser considerado parte desse programa de integração ou não?

K.K. – Acho que a Helena está se referindo à vinda dos alunos para o IFCS, por exemplo...

H.B. – Para a UERJ, algumas outras, acho que São Paulo recebeu também...

R.L. – Houve muitas iniciativas fragmentadas, quer dizer, a primeira iniciativa Yvone e Peter fizeram lá no IFCS, através da Fundação Ford, que foi trazer a primeira turma de alunos moçambicanos - eu fui até professor de vários deles - e que deu gente ótima, alguns fizeram mestrado, doutorado, e voltaram para Moçambique, não é? O Brasil, quer dizer, aí o governo brasileiro, tem um programa de bolsas, bolsas chamadas PEC/PG são bolsas em que estudantes – isso vale para vários países – no caso de Moçambique, eles vão à Embaixada Brasileira, se inscrevem e, se aceitos, vem fazer mestrado e doutorado no Brasil, com bolsas dadas pelo governo brasileiro. Há alguns programas de apoio, quer dizer, eu acho que nós temos um discurso excelente com relação aos países africanos, mas ainda pouca atuação, pouco dinheiro, quer dizer, acho que nós não estamos ainda... Acho que o Brasil poderia estar muito mais presente nisso. Ele fez coisas magníficas, por exemplo, o Brasil fez o primeiro soro antiofídico da África baseado em cobras africanas, porque eles tinham soro antiofídico para cobras européias - a coisa era completamente alucinada. Aí o pessoal lá liderado pelo Erney Camargo, ele foi presidente do CNPq, isolaram lá as víboras e cobras moçambicanas e produziram lá os antídotos. Então, quer dizer, há coisas assim que são interessantes, que a gente passa capacitação, não é? Mas eu acho que falta um programa integrado - aí o Pró-África pretende ser isso, mas ele é muito vulnerável a espasmos de dotação, não é? -, um programa integrado que possa pensar a capacitação desde a pesquisa científica de ponta até isso que Karina mencionou, quer dizer, poder trazer o estudante para cá para capacitação. Nós temos o desenho da política, o Brasil tem o desenho da políticas, mas falta implementação.

K.K. – Acho que você podia falar um pouco desse Pró-África para a gente, não é? Como é que é?

R.L. – Tá. O Pró-África é um programa que foi criado nesse desenho novo de política externa implantada a partir de 2002, não é? Quer dizer, uma certa preocupação de tornar mais densa, mais efetiva, a presença brasileira na África. E, embora seja Pró-África, ele, inicialmente está focado exclusivamente em países de língua portuguesa, basicamente Angola e Moçambique. Eu faço parte do Comitê Gestor do Programa já há muito tempo e eu fui uma das pessoas que defendeu a abertura de outros países: para a África do Sul, a Nigéria...

K.K. – Você lembra, você mencionou 2002 como a fundação...

R.L. – Do Pró-África?

K.K. – É.

R.L. – Eu acho que é 2002...2003, Pró-África, e o outro programa, CPLP, 2005.

K.K. – Isso. É que alguma pesquisa nossa falhou nessa data inicial aqui.[riso]

R.L. – Mas isso vocês vêm depois, depois. Eu não sou bom de data, não, apesar de ter trabalhado aqui tanto tempo...

K.K. – Não, é que a gente fez uma prévia, um roteiro prévio e tinha essas datas, mas estava uma dúvida em relação à criação. E você está desde o início do Pró-África?

R.L. – Desde o início, faço parte do Comitê Gestor...

K.K. – E tem mais cientistas sociais também?

R.L. – Tem, deixa eu ver... De cientista social só eu, e tem um historiador que é o Francisco Carlos, lá do IFCS, tem... É um Comitê...

H.B. – Quem propôs? De onde nasceu? Do governo?

R.L. – Do governo brasileiro: Ministério da Ciência e Tecnologia, certo?...

H.B. – É MCT?

R.L. – MCT, tá? Na verdade são programas de cooperação multilateral e que tem um formato parecido. Eles apóiam missões científicas, apóiam projetos de pesquisa e apóiam eventos - são três modalidades básicas. E tem uma rubrica residual que é projetos especiais, que é uma liberdade grande que o Comitê Gestor tem para defender formas de ação. E nesses projetos especiais pode ter, por exemplo, a vinda de estudantes para capacitação, levar professores brasileiros para lá para dar cursos de formação, quer dizer, é uma quantidade enorme de ações possíveis, desde que autorizadas pelo Comitê. Então esse é um desenho mais ou menos comum aos diferentes programas que o Brasil tem na área de cooperação científica. A decisão de fazer um programa para a África veio, do meu ponto de vista, associada a essa idéia da África como... Essa coisa da diplomacia sul-sul, essa coisa não é? Quer dizer, aproximação do Brasil com a África. Na mesma época foi criado o Programa Ibas – Índia, Brasil, África do Sul - também nessa mesma direção, razão até que fez com que a África do Sul não fosse coberta pelo programa...

K.K. – Pelo Pró-África.

R.L. - Pelo Pró-África. O que eu, pessoalmente, acho problemático porque a África do Sul daria uma base de comparação extremamente interessante se juntasse com outros países africanos e juntasse com o Brasil. A Nigéria também, não é? É um país extremamente interessante, tem dramas sociais parecidos com os nossos e poderia ter

uma base de comparação também muito interessante. Mas está restrito a esse que eu falei, está restrito: a Angola e Moçambique, basicamente, e é um programa que cobre todas as ciências, por isso que ele tem um Comitê Gestor multidisciplinar, com predomínio do pessoal de biologia -ciências biológicas- e com predomínio, também, de uma concepção de ciência que tenha alguma aplicabilidade na vida social desses países, não é? Então é um programa menos voltado para a pesquisa teórica, pesquisa pura e mais voltado para ...

H.B. – Intervenção mesmo...

R.L. – Esse exemplo que eu dei para vocês do soro antiofídico, esse tipo de coisa, não é? E tem sido um Programa bem... Quer dizer, ele foi inicialmente conduzido pelo Lindolfo Dias, que foi um dos fundadores do IPA, e agora o Lindolfo saiu no final de 2008 e eu fui indicado para presidir esse Programa também, não é? Então acho que é um Programa que está cumprindo o papel dele.

H.B. – A área de saúde deve ser forte porque a experiência toda do Brasil com AIDS, com tudo isso, entra ou não?

R.L. – Entra, entra pesquisa sobre isso. Há uma presença muito grande de pesquisas aplicadas na área de biotecnologia, isso o pessoal de lá quer também. Esse Programa, na verdade, é um programa muito político no sentido decente da palavra, não é? Porque ele está atrelado à concepção brasileira da política externa. Ele tem uma dimensão acadêmica de qualidade, controle de qualidade, mas como ele não é só ciência e tecnologia, como ele tem a ver também com política externa, tem a ver também com o tipo de interlocução que o Brasil tem com esses países. Então a demanda que esses países fazem, em grande medida, é considerada como orientação do Programa, diferente do outro programa de Ciências Sociais, o CPLP, que é um programa para os países de língua portuguesa na área de ciências sociais que é exclusivamente de natureza acadêmica, não tem esse tipo de junção.

K.K. – E ainda dentro desse intercâmbio: as universidades em Moçambique e Angola, como é que você compararia um pouco em relação à realidade das universidades brasileiras? Porque essa tem sido uma experiência intensa, não é? De lidar com esse universo? Ou não? Vocês extrapolam o âmbito da pesquisa dentro das universidades?

R.L. – Ainda não, quer dizer, seria até desejável que em algum momento a gente pudesse ter uma noção mais clara de quem pensa isso. Quer dizer, quem está pensando esses países de maneira sistemática. E a gente sabe que isso é uma regra geral que... Esse pensamento não está contido totalmente em uma universidade. A impressão que eu tenho é que a vida universitária em Moçambique é mais organizada. Eles têm uma grande universidade, que é a universidade Eduardo Mondlane, começam a ter já uma certa presença de universidades particulares, mas tem uma universidade lá estruturada, enfim, que cobre os campos científicos mais importantes. E a impressão que eu tenho é que a vida universitária em Moçambique é mais organizada, mais sistematizada, mais institucionalizada, sobretudo do que Angola. Angola, por exemplo, não há curso de ciências sociais, eles estão muito ligados a faculdade de Direito, ainda. Eu não conheço profundamente a organização em Angola, mas as duas vezes que fui, eu tenho a impressão de uma universidade ainda não consolidada, quer dizer, muito politizada ainda, muito ligada ao governo. E há um esforço grande de tentar organizar alguma

coisa. Comparativamente a universidade moçambicana parece mais internacionalizada, mais organizada e nesse sentido a interação é mais fácil.

K.K. – Nessa recuperação da própria situação política do país, eles também receberam professores, muitos professores de fora, não é? Da Europa, de outros países, não é?

R.L. – Receberam. Eles mantiveram uma internacionalização freqüente, enfim, uma espécie de vascularização permanente. Tem muita presença nossa lá e também de Portugal, claro, teve um papel importante e de outros países europeus, não é? Eu acho que a comparação com Angola, ela é prejudicada pelo fato de que a Angola viveu uma guerra civil sem precedentes, e não tem comparação com a guerra civil moçambicana... Duas guerras civis diferentes. Uma guerra civil com uma sociedade rica, que os dois lados têm recursos inesgotáveis, e uma guerra civil em um país em que os dois lados estavam exauridos, foram obrigados a fazer um processo de paz porque não havia como fazer guerra. Então a pobreza moçambicana, ela pôs um limite, uma dimensão natural que põe um limite à belicosidade e isso criou um espírito de negociação que não aconteceu no caso angolano, quer dizer, no caso angolano a guerra foi resolvida pela vitória, pela vitória de um lado sobre o outro. E isso afetou as instituições angolanas como um todo. E as que sobreviveram, são aquelas ligadas ao governo e ao partido do governo. Então acho que Angola ainda tem que passar por um processo de separação dessas dimensões. E para o observador externo fica muito difícil, até você definir interlocutores. Uma historinha, só para dar uma idéia para vocês disso: nós fizemos uma missão em Angola, em 2006... 2005. E primeiro fomos a Moçambique - Moçambique tudo arrumado, Ministro da Ciência e Tecnologia nos recebeu, parou dois dias...

K.K. – No âmbito do Pró-África?

R.L. – No âmbito do Pró-África. Parou tudo, organizou, botou os técnicos todos lá, chefes de programa, ficou conosco dois a três dias numa mesa comprida, na cabeceira, comandando os trabalhos o tempo todo. “Isso é ótimo!”, combinamos vários programas, trazer gente, levar gente, enfim, essas coisas usuais. Aí pegamos o avião e fomos para Angola. Chegamos a Angola, uma confusão tremenda, não sabia com quem a gente falava, até que a gente chegou num mesmo formato com o Ministro das Ciências e Tecnologia. Mas o Ministro não falava nada, o Ministro não tinha capacidade decisória, não articulava, não tinha o que dizer, conversa estranhíssima. E depois eu comecei a entender as coisas – coisa de cientista político, quer dizer, deve ter algum problema aí e tal: quem é esse sujeito?. Bom, o problema é o seguinte: houve eleições em Angola, num dado momento, e eles fizeram acordo. Acordo de pacificação implica o seguinte: o partido da oposição, proporcionalmente ao seu número de votos, tem um certo número de ministérios, então o Ministro da Ciência e Tecnologia era da Unita, partido de oposição. Só que nesse caso o MPLA, que não é bobo nem nada, faz com que o subministro seja do MPLA e ele é que manda. Então quem mandava no Ministério era o Vice-ministro da Ciência e Tecnologia, que era do MPLA, e que esse, sim, foi conversar com a gente, mas quando foi conversar com a gente é a nomenclatura partidária que vem, vem junto. É uma cultura ainda muito soviética e que não dá para distinguir direito o que é uma conversa que é de cooperação internacional do que é uma conversa que envolve outras coisas - nós estávamos lá para conversar sobre essas coisas. Então isso tem a ver, portanto, com essa guerra civil que ainda tem marcas muito grandes.

K.K. – E no final, curiosidade também, parte da história, vocês conseguiram estabelecer algumas coisas ?

R.L. – Muito mais, muito mais com Moçambique, muito mais com Moçambique.

K.K. Por que lá mesmo não se acordou, por que o que foi acordado não foi... Não conseguiu...?

R.L. – O que foi acordado não encontrou simetria do lado de lá. Simetria. Muito difícil, muito... Quer dizer, essa a impressão que eu tenho, tanto no Pró-África quanto no outro programa.

H.B. – Você estabelece compromisso, mas não realiza, não é?

R.L. – É. Exatamente. Enquanto no caso de Moçambique, o Ministro já veio ao Brasil duas vezes, esteve aqui no CPDOC até uma vez, lembra? Lembra? Se lembram disso ?

K.K. – Eu não estava...

R.L. – Esteve aqui no CPDOC, veio visitar CPDOC.

H.B. – Estou me lembrando...

R.L. – Foi sugestão nossa, ele queria saber como era a coisa da memória...

H.H. – É, eu acho que eu lembro, sim.

R.L. – Ele estava interessado nisso.

K.K. – Você tem mencionado no caso o outro programa seria o...

R.L. – Ciências Sociais CPLP.

K.K. – Esse também envolve, quer dizer, eu achei que esse era só para pesquisadores brasileiros.

R.L. – Não ,não. Todos os dois tem a mesma estrutura, Karina, os dois tem a mesma estrutura São programas que financiam diretamente pesquisadores brasileiros - porque o CNPq não pode financiar diretamente pesquisadores estrangeiros, não é?

K.K. – Mas em projetos que envolvam...

R.L. – Mas em projetos que envolvam estrangeiros...

K.K. - ... Estrangeiros.Como o nosso, por exemplo.

R.L. – Como o de vocês. Então, ainda que a gente apóie projetos binacionais, bilaterais, o desejável é que sejam três países no mínimo.

H.B. – Porque aqui, o que eu estou entendendo, assim, você tem um braço político dessa cooperação do Pró-África e o braço acadêmico começa com os...

R.L. – É. Porque, na verdade, são muitos planos, não é? Quer dizer, tem uma conversa que é uma conversa mais institucional e tem uma conversa que é mais do ponto de vista dos conteúdos; quer dizer, o que em termos substantivos acabou por acontecer, o que essa aproximação revela. É uma diversidade muito grande de visões. Acho que é uma coisa que a gente poderia depois desenvolver mais, além do lado puramente político e institucional que é importante para dar uma idéia da história disso.

K.K. – Pois é. Eu vi, eu percebi em coisas recentes que você produziu, alguns textos justamente que sugerem pelos títulos - eu não tive acesso aos textos integrais - que, de alguma forma, esse contato afetou a tua produção, a tua, enfim, tuas reflexões, a tua produção científica, você como cientista político. Eu estou mencionando aqui alguns artigos, como por exemplo, na *Revista Atlântico*, de Lisboa...

R.L. – Sim, eu colaborei lá um tempo.

K.K. – Como é que foi isso?

R.L. – Isso é uma coisa engraçada porque - como é que eu posso dizer isso? -; é uma coisa muito engraçada porque ao mesmo tempo em que eu me vinculei muito a montagem dessa forma de cooperação, sobretudo o programa Ciências Sociais CPLP, do ponto de vista intelectual eu me afastei muito das agendas tradicionais das ciências sociais, da ciência política sobretudo. E me aproximei intelectualmente através dessa... - Também... Coisas que foram proporcionadas por essa aproximação com Portugal, não é? -, do trabalho feito por, enfim, por alguns investigadores e pensadores da área de filosofia em Portugal. Naturalmente o Fernando Gil, que foi um professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa e da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, ele fazia [INAUDIVEL], ele faleceu em 2005. E o contato com a obra do Fernando, que é um filósofo moçambicano, eu conheci ele em Moçambique, conheci ele em 98 em Moçambique no Luso-Afro-Brasileiro, onde ele foi à Moçambique, fez uma conferência e depois nos saímos de carro por Maputo à procura do lugar onde ele morou. Ele nasceu de um pai funcionário do Estado português, no interior de Moçambique, nos anos 30, estudou em Moçambique até o Liceu, vários intelectuais brancos, de esquerda e que acabaram depois saindo de Moçambique, enfim, com a descolonização, enfim, mas essa é outra história do Fernando Gil. Conheci-o em Maputo e a partir daí começamos a ter uma colaboração muito grande e a obra dele teve um impacto imenso na minha trajetória. Isso diz respeito aos conteúdos das coisas que eu venho pensando, venho trabalhando; mudou minha maneira de ver questões da natureza filosófica, a própria disciplina ciência política. E a obra ficou muito mais filosófica do que, digamos assim - sem denotar nenhum desmerecimento-, do que empírica ou focada em algum objeto, quer dizer, não tem, não disse isso com nenhuma intenção de dizer que essas coisas são menos importantes. Mas a outra metade do cérebro - esse é outro ponto sempre esteve ligada na necessidade institucional da gente ter uma forma de cooperação permanente, capaz de incluir até disciplinas e sub-disciplinas que eu, pessoalmente, não tenho interesse substantivo, entende? Quer dizer, acho que uma coisa que eu consegui fazer, para o bem ou para o mal, não é separar as agendas, é fazer as agendas andarem juntas. A minha agenda intelectual pessoal, que foi muito afetada por essa aproximação, talvez não pelo lado das ciências sociais apenas,

pela desumanidade, para colocar as coisas de maneira mais ampla, mas, ao mesmo tempo, tentar levar em conta uma agenda voltada para seguinte questão: como é que a gente pode organizar, quer dizer, consolidar uma cooperação que vem sendo feita há tantos anos e que é informal, que é espasmódica, ao mesmo tempo sem que ela fique engessada, sem que ela perca espontaneidade, sem que ela perca vivacidade. Essa a idéia que esteve presente no programa de cooperação em ciências sociais; programa que na verdade vem, na verdade ele se soma a uma experiência que já está em curso há muito tempo. Então acho um pouco isso, Karina, eu fui afetado pessoalmente por esse contato com o Fernando Gil, com o pessoal do ICS, também muito, Manuel Vilaverde Cabral, que é um intelectual único, sujeito que vai da arte contemporânea para a história política, para a sociologia, para a política propriamente dita; quer dizer, um intelectual desses que não se faz mais, não tem como produzir um igual, quando ele acabar de pensar, quem sentar ali vai ser um especialista em alguma coisa porque acho que a lógica nossa é um pouco essa. Então eu acho que uma coisa mais interessante é o seguinte: o que essa aproximação com Portugal me deu? Foi a possibilidade de lidar com intelectuais, com um padrão de intelectual que nós não temos muito aqui no Brasil. Intelectuais como o Manuel Vilaverde, como por exemplo José Machado Pais, que é outro genial, não sei se vocês tiveram com ele, um sujeito também que tem uma...

H.B. – Mais rápido, não é? Só... Mas não tivemos...

R.L. – Um dos sujeitos mais geniais que eu já vi na vida...

K.K. – Mas ele está na nossa lista de entrevistados.

R.L. – Se não está, ponha, por favor.

H.B. – Não, ele está.

K.K. – Não, é porque também tivemos essa... Em Portugal também houve um problema de cooperação com essa parte audiovisual, então foram feitas menos entrevistas do que a gente gostaria em 2009.

R.L. – Mas o José Machado Pais vale a pena vocês...

K.K. – Mas nós certamente... Ele está nas próximas...

R.L. – Porque ele é um sociólogo dos pequenos objetos, não é? Da boemia de Lisboa, das prostitutas, do fado, dos pet shops; tem um livro sobre solidão que é uma coisa assim pungente. Ele entrevista pessoas que passam a madrugada nas lavanderias lavando roupa, [colchar], sabe? O sujeito que só tem interação com o outro na pet shop quando leva seu cãozinho para lavar, aí tem interação com uma outra pessoa; ele pega esses objetos, não é? Um sujeito que tem uma... E monta a sociabilidade, não fica também no micro, ele vai fazendo a confi... É um sujeito genial. Esse contato com esse tipo de intelectual, que eu acho que... Da nossa geração para os mais jovens é um tipo de inserção intelectual, que enfim, as pessoas não têm culpa disso, é um modo pelo qual a divisão intelectual do trabalho acabou por se processar e as induções para que ela fique, continue assim são muito grandes. A gente tem cada vez menos gente capaz de fazer cortes transversais. Não por incapacidade das pessoas, mas os contextos são, são contextos de...

H.B. – Interessante isso, não é?...

R.L. - Isso tem a ver um pouco com a coisa que a Karina estava comentando, quer dizer, o fato de que nós aqui estamos pesquisando a pós-graduação e lá vamos começar a pesquisar a graduação porque a graduação começou tarde. Se a graduação começou tarde, um certo tipo de intelectual tem sobrevida até mais tarde. Esse intelectual teve menor sobrevida aqui porque a pós-graduação nossa começou mais cedo. E pós-graduação aqui e em qualquer lugar do mundo, o que ela é? Especialização, não tem como não ser. Você não pode fazer m doutorado em conhecimentos gerais, não é possível uma coisa dessa. E os intelectuais portugueses de 60, 50, 60 anos...

K.K. – Já se formaram antes...

R.L. - De 40 e poucos, se você pensar que o sujeito tem uma grande formação histórica, não é inteiramente analfabeto em filosofia, conhece a história do seu país...É uma coisa assim, uma coisa engraçada, interessante.

H.B. – Engraçado... Eu vou correr o risco de fazer um vôo muito leviano, mas... Eu estou beneficiada pelo fato de te conhecer a muito tempo, não é? A minha impressão de ouvindo é que você reencontrou em Portugal, você.

R.L. – É, é.

H.B. - Porque essa paixão por uma política que é filosofia política, isso é, desde que te conheço, é o que te distinguia, inclusive, esse cruzamento de uma ciência que implica também na literatura, também nas pequenas... Isso é um traço de afeição intelectual sua desde sempre e que teve que ter um corte ou atravessar sei lá, por conjuntura, por momento, pedaço seu de vida profissional que você tinha que atuar em frentes talvez mais institucionalizadas - nós todos tivemos que fazer isso - e que lá é como se você tivesse voltado, e aí com muito mais força, porque pessoas extraordinárias...

R.L. – Sobretudo porque o lá, esse lá é engraçado, esse lá nós sempre estamos desinseridos, isso é fantástico, não é?Então você pode se inserir de uma maneira inteiramente extraordinária.

H.B. – Livre, não é?

R.L. -Livre, quer dizer, diferente das inserções que eles mesmos produzem, que eles não percebem naquela academia lá do modo pelo qual nós percebemos. Se perguntar para eles: “Ah, porque fulano briga com cicrano”

H.B. – Claro. [riso].

R.L. - Tudo igual aqui, tudo igual, mas a nossa desinserção é fundamental.

K.K. – **Mas por falar em Portugal**, a gente perguntou inicialmente a tua primeira ida à África. E como é que foi essa primeira ida à Portugal com esse sentido acadêmico, até não sei se foi a primeira ida também pessoal...

R.L. – Pessoal foi antes,mas essa vinculação mais acadêmica foi a partir do final dos anos 90.Não, meados dos anos 90, não é?E quem teve a iniciativa disso foi o Manuel Vilaverde. Manuel Vilaverde um dia bate na minha porta lá no Iuperj...

H.B. – Ele vinha aqui? Ele era...

R.L. – Ele tinha contato... Ele conhecia... Ele teve no Brasil, para vocês terem uma idéia, ele teve no Brasil quando houve aqui o Congresso da Ipsa - da International Political Science Association.Foi nos anos 80, foi lá na Cândido Mendes, início dos anos 80. Cândido levou as pessoas para passear de veleiro, uma coisa assim, sultanesca, uma coisa assim impressionante.E Manuel sempre teve muito interesse pelo Brasil, interesse acadêmico pelo Brasil, conhecia gente aqui no Brasil, era muito amigo do Bolívar Lamounier, conheceu o Wanderley, conheceu outras pessoas do Iuperj e procurou o diretor do Iuperj e me encontrou, que ele queria fazer uma aliança com o Iuperj, convidou o Iuperj para participar de um consórcio de pesquisas, basicamente quantitativas; um consórcio que vários países participam para fazerem pesquisas quantitativas permitindo uma base comum para comparação, cada ano um tema diferente. ISS... International Survey... Social... ISSP que chamava isso. Programa muito interessante, países do mundo inteiro e o Brasil entrou através do Iuperj e apesar de não ser minha área, área de estatística, de pesquisa quantitativa, fui atrás da coisa, nós entramos em uma competição com outros grupos aqui no Brasil e conseguimos participar dessa rede. Bom, essa foi a primeira aproximação. A partir daí, idas e vindas, o congresso Luso-Afro-Brasileiro, quer dizer, aproximação minha pessoal com o Manuel Vilaverde, através dele conheci outras pessoas, outros colegas de Portugal, do ICS do Iscte também; tive muito boa aproximação com o João Ferreira de Almeida, que é outro... Extremamente importante, veterano também, tem a história da sociologia portuguesa toda na cabeça, é um clássico, sociólogo clássico, estruturas e tal... Um doce conversar com ele. E eles foram muito amigáveis, eles me...

H.B. – Acolheram.

R.L. - Me acolheram, me mostraram a comunidade portuguesa de ciências sociais. A partir deles eu pude conhecer gente do Porto também, que é outro mundo diferente de Lisboa, o Porto tem uma estrutura universitária muito mais fragmentada e nesse sentido herdei um pouco também algumas das dificuldades internas desse mundo em Portugal. Todas as coisas de Coimbra com Lisboa, [INAUDÍVEL] com Iscte e tal, [INAUDÍVEL] com ICS, você acaba... Essa desinserção é relativa, não é?Porque a perspectiva do pessoal de Coimbra nessa cooperação, eu acho que é uma perspectiva muito marcada por um desejo de hegemonia, um desejo de impor os seus temas, de fazer dessa cooperação um espaço da luta anti-hegemônica, de um pós-colonialismo.Então eles têm uma agenda muito politizada. Fazem trabalho de boa qualidade, fazem. Isso aí... Alguns trabalhos são de muito boa qualidade, mas a agenda deles é muito politizada. E a agenda do pessoal do ICS e do Iscte acaba tendo mais facilidade de alteração, me parece uma agenda mais das disciplinas, ou seja, vamos fazer pesquisa, vamos juntar aqui e tal, vamos comparar, não é?Então foi um pouco por aí, Karina, foi uma aproximação que começou nos anos 90, por circunstâncias de vida pessoais e que acabaram...

K.K. – Você chegou a passar um período mais longo em 2004, não é isso?

R.L. – Passei em 2004. Desde 2004...

K.K Foi o quê?Um ano? Chegou a ser um ano? Alguns meses?

R.L. – Não, não, não. Nunca chegou a ser um ano. Passei 4 meses.2004.

H.B. – Mas você vai sempre...

R.L. –Mas desde 2004 eu passo um ou dos meses lá.

K.K. – Em Lisboa.

R.L. - Em Lisboa. Eu consigo fazer aquela coisa que eles fazem: eu termino o semestre 15 de junho, 17 de junho e começa 10 de agosto.Aí você tem aquele período intermediário de um mês e tanto, então tenho feito isso sistematicamente e é ótimo porque é um lugar que vou para escrever, participo de seminário.Usufruo da desinserção, nesse sentido. Isso me deu também base para...

K.K. – E lá quando você faz esses períodos, desculpa, por curiosidade antropológica [risos], você fica no ICS também, quer dizer, tem uma rotina de frequência no ICS, ou você fica em casa, quer dizer, você...

R.L. – Tem, tem. Não, não, eu sou tratado lá como... Acho que é um erro de pessoa, acho que eles pensam que eu sou outra pessoa.Me tratam bem demais lá, é impressionante, então tenho uma sala, tenho já minha senha, tenho minha carteira, tenho minha chave da sala.Quando eu chego lá: “ah, então o senhor professor já está de volta!”, não sei quê...Quer dizer, é como se fosse...

K.K. – Um visitante regular.

H.B. – Permanente.

R.L. – Regular. Permanente. Permanente. É.

K.K. – É, tem essa curiosidade, porque acho que tem esse acolhimento mesmo, quer dizer, não é simplesmente um intercâmbio, não é?

R.L.- É acolhimento.

K.K. - É uma inserção e inclusive agora o prédio novo, nós visitamos...

R.L. – É magnífico. Magnífico.

K.K., - Fantástico.

R.L. –Mas isso eu acho, Karina, não é monopólio meu.O ICS tem uma tradição de acolhimento impressionante; todas as pessoas que eu conheço que foram para lá, Machado ficou um ano lá, quase um ano, ficou... Foi tratado também...Erro de pessoa, mesma coisa, super bem tratado, quer dizer...

H.B. – Nós é que estamos com uma concepção errada de pessoa. Eles estão certíssimos. É assim que é para tratar, a gente tem que aprender isso.

R.L. – Eles Eu acho também por essa possibilidade de aferir as coisas no plano mais pessoal, o que eu acho é que seria muito interessante se a gente tivesse cooperação mais regular com eles porque é uma mistura de familiaridade com internacionalização ao mesmo tempo. O ICS é um lugar altamente internacionalizado, várias línguas, sempre tem gente...

K.K. – E cada vaga que eles abrem, vem gente da Europa inteira...

R.L. – É um curso internacional, então você tem o italiano, tem a francesa, tem o inglês... Ou portugueses que fizeram doutorado...

K.K. – Ou portugueses que se formaram pelo instituto italiano, por isso, por aquilo...

R.L. – Exatamente. Muito mais do que a gente. Muito mais do que a gente.

H.B. – A gente viu isso também - e a gente ficou encantado com isso - no Museu de Etnologia com Joaquim...

R.L. – Com o Joaquim, que é outra figuraça.

H.B. – É, impressionante. Pais de Brito. E o esforço todo de revitalizar o museu, acolhendo os estudantes e pesquisadores da Europa inteira, daqui e tudo., é incrível. E Renato, e aí você mantém laços mais permanentes do tipo pode orientar trabalhos ou isso não?

R.L. – Não, não, não, não tem nenhum cargo assim não.

H.B. – Já deu curso?

R.L. – O ICS tem pouco curso, isso é uma diferença interessante da estrutura deles para a nossa, não é? Quer dizer, que a vida universitária no Brasil, ela está calcada na idéia de que se tem insolubilidade entre ensino e pesquisa, e lá eles tem carreiras separadas de investigador e professor. Para mim, ICS é [um certo Oasis], lembra um pouco o Iuperj, quando o ICS era pequeno, agora ICS é gigantesco, mas quando era pequeno, era voltado para pesquisa como a pós-graduação; então eles mesmos não dão cursos, na verdade os cursos...

H.B. – São seminários.

R.L. - São seminários.

H.B. – Então, mas você participou já disso?

R.L. – Participei, participei disso. Participei de alguns seminários lá.

H.B. – Então tem uma inserção numa rotina acadêmica do instituto.

R.L. – Tem, tem, acaba por ter. E agora tem uma outra inserção na Nova também, nessa Nova de Lisboa, no Instituto de Filosofia da Linguagem. Aí tem mais a ver com meus temas pessoais.

K.K. – Que foi até onde você fez o pós-doutorado, não é?

R.L. - Eu fiz o pós-doc lá no ICS mesmo. Na Nova eu faço parte de uma equipe de pesquisa, nesse Instituto de Filosofia da Linguagem, projeto grande sobre ceticismo. E também é um lugar de inserção que eu acho legal, que é importante também isso, não é.

H.B. – Você acha que esses tratados, não é? A gente está falando de tratados de aproximação, de cooperação. Eles de alguma maneira podiam ter uma repercussão mais ativa nas graduações daqui e de lá?

R.L. – Eu acho que tinha que ter repercussão mais geral nas pós-graduações, nas nossas agendas de [pesquisa]. Ainda não têm repercussão que podiam ter, sabe? Acho que podiam ter muito mais.

H.B. – A gente está perguntando isso porque uma das coisas que encantou à Karina e à mim é que a recepção que os estudantes de graduação tem de uma coisa inteiramente desconhecida e até então para eles nada é... É muito boa, então eu fico imaginando que isso podia render mais.

K.K. – É, a minha pergunta era exatamente, não igual, mas na área. Se você teve contato lá com jovens pesquisadores, ou mesmo que não como professor diretamente, mas com, enfim, estudantes de pós-graduação, pessoas que ainda estão numa etapa de formação, e qual foi a sua impressão desse... Em comparação aqui com seus alunos de Iuperj, se você teceu algum... Porque você comparou acho que muito bem no nível profissional, quer dizer, já de pessoas mais sênior, não é?

R.L. – Não, tive menos contato porque... Eu tive contato com jovens pesquisadores mais, que estão começando a carreira lá no ICS como bolsista de pós-doc, uma parte deles, não é? São bolsas que a...

H.B. – Bolseiros.

R.L. - São bolseiros, é: bolseiros de pós-doc. Bolsa de cinco anos, enfim, para início de carreira, são coisas muito legais. A impressão que eu tenho é o seguinte: eles têm um diferencial, uma mais valia com relação a nossa turma aqui que é a qualidade da educação secundária, eles vêm de uma... A impressão que dá, quer dizer, são todos no mínimo bilíngües, certo? O domínio da língua estrangeira é estado de natureza, alguns tri, e outros mais do que isso; uma boa formação de base, então a impressão que eu tenho é que mesmo estudantes da pós-graduação lá não são estudantes que você tem que começar a formar e tal, enfim, a refazer lacunas que se tem na formação anterior. Eu acho que eles tem uma estrutura educacional no Liceu e até mesmo na graduação...

H.B. – Começam de outro lugar.

R.L. - Começam de outro lugar, entram em um mundo já mais internacionalizado que o nosso- para o bem e para o mal, porque também se especializam e se desraizam,

também tem tudo isso-, mas tem o efeito positivo que é a cabeça em principio menos paroquial porque estão sempre em contato com professores de outras línguas, de outras instituições. Então eu sinto um maior cosmopolitismo, quer dizer, que é uma coisa que nós temos - quer dizer, nós professores, pesquisadores, somos muito cosmopolitas no Brasil -, mas nossos alunos não são, eu não sei se vocês concordam comigo, mas não são...

H.B. – Perfeitamente.

R.L. – Não são, não é?

K.K. – Não consigo nem dar um curso em inglês. [risos] A gente realmente...

R.L. – Exatamente. Tinha uma época na UFF, eu fazia...

K.K. - A realidade hoje na Europa é essa, não é?

R.L. – (...) Passava um questionarinho sobre as pessoas, então parei de fazer, parei de fazer. Porque aquilo me paralisava. Eu nunca podia fazer esse programa; eu olhava o questionário, olhava o programa de curso. Ou o questionário ou o programa: os dois nunca.

K.K. – O questionário tinha que começar do zero. [risos]

R.L. – Exatamente: “Quantos livros você já leu?”, “Não leu”, “quantos livros tem em casa?”, “não tem nenhum livro”, educação do pai: primário incompleto, avô: pescador, impressionante. Por outro lado, uma coisa impressionante, as pessoas estão furando, a mobilidade heróica.

H.B. – É muito interessante do ponto de vista sociológico, mas do ponto de vista do magistério é terrível.

R.L. – Sociológico, cultural é... Outra coisa. Intuitivamente a comparação que eu faria é essa, Karina, quer dizer... Agora, isso é muito ICS, não é? O Iscte também é isso, o Iscte pega uma turma politizada também, o Iscte é uma universidade, tem ensino de graduação, as propinas são muito caras, quer dizer, a anuidade é muito cara, então não sei se isso é representativo em Portugal em geral, mas essa gente é muito qualificada.

? – Posso fazer uma pausa?

K.K. – É, eu estava imaginando que...

R.L. – Outra coisa que tem em Portugal é também não ter a ditadura do tempo das teses, não é?

[FINAL DO ARQUIVO 1]

K.K. – Então... Estávamos na comparação dos estudantes, lá e cá, e você dizia que eles ainda não tinham a pressão do tempo das teses.

R.L. – É, quer dizer, a ameaça do formato de Bolonha, não é, mas que está incidindo primeiro sobre a graduação, a idéia era você pensar graduações mais curtas, três período letivos por ano. Mas as teses, as dissertações e as teses ainda são como eram as nossas até os anos 70, de longa duração. Então conheço gente que está há 10, 15 anos e acaba fazendo trabalhos copiosos, quer dizer, de excelente qualidade, mas não são mais... Nada que seja pensável no caso brasileiro, hoje a coisa dos nossos prazos ela é muito produtiva, eu não sei até quando eles vão resistir porque o que acontece é que o que viabiliza essas teses de longa duração é que os alunos, estudantes, acabam sendo incorporados como investigadores, a gente no ICS que é investigador do ICS ainda está desenvolvendo tese, então isso viabiliza a tese de longa duração.

H.B. – Eu tenho a impressão que isso tem muito que ver com a taxa de competição; é um grupo muito menor, talvez seja menos difícil manter esse grupo, mas por outro lado fico pensando na Alemanha, que também não é tão grande quanto o Brasil nesse sentido, mas muito disputado e muito difícil também acesso, então não sei...

R.L. – Não sei, porque a demografia da sociologia portuguesa é espantosa, foi uma das coisas que me espantaram: quantidade de sociólogos, sociólogo lato-sensu enorme, a associação portuguesa de sociologia é gigantesca.

H.B.- É gigantesca.

K.K. – Qual foi a pesquisa do Antônio que disse que o terceiro... Acho que foi dos funcionários... Não, foi uma pesquisa aqui e lá. Aqui, Maria Celina fez uma pesquisa com os DAS do governo Lula e o terceiro maior número de profissionais era de sociólogos.

H.B. – Aqui, é, é.

K.K. – É. E Antônio Firmino tem uma grande pesquisa sobre a inserção dos sociólogos no mercado de trabalho lá, que é muito alta, altíssima, ao contrário, vamos dizer assim, do dito popular, ou do, enfim, do saber mais corrente, o índice de empregabilidade, vamos dizer assim, sei lá... Não sei se é essa a palavra...

H.B. – Mas não se empregam como sociólogos.

K.K. – É, não especificamente com uma tarefa de investigação, mas de alguma forma usando essa formação para...

R.L. – Sei, sei, uma coisa técnica, de assessoria. Imagino, para algum lugar ele tem que ir, porque eles produzem muitos sociólogos. Eu fui a três congressos da APS, é um mundo, é uma coisa assim, muita gente. Anália Torres, que foi presidente da APS, antes dela o Carlos Fortuna, lá de Coimbra, disseram que só acaba, se licencia na faculdade e vai a APS para... Se inscreve. Também é uma associação que cobre esse lado profissional também, eles são meio... Não chega a ser sindical, mas tem um lado corporativo forte. Então é muita gente, então não sei se a competição... Existe uma coisa de número menor lá.

H.B. – Da pós, não é? Mas aí é.

R.L. – A pós é diversificada, quer dizer, você pensa uma cidade como Lisboa, você tem a pós do ICS, pós do Iscte, a Católica tem pós-graduação.

K.K. – Agora pensando até nessa questão da pós-graduação lá, pelo pouco que eu conheço, as pós-graduações eram mais específicas, ao contrário dessas como a gente tem aqui: pós-graduação em sociologia. Lá você tem mestrados e doutorados em áreas determinadas, por exemplo, mestrado em antropologia urbana, ou um doutorado em...

R.L. – Políticas Públicas.

K.K.- Políticas públicas. Exatamente.

R.L. – Estudos europeus. Você tem esse recorte. Porque eu acho que aqui no Brasil essas áreas ficaram já consolidadas, as grandes áreas estão consolidadas. Em Portugal isso ainda é muito fluido, isso é muito fluido ainda, quer dizer, a APS, todo mundo está na APS. Associação Portuguesa de Sociologia, não é? Então você tem cientistas políticos, tem antropólogos, essa coisa não está ainda...

H.B. – Não está especializada ainda.

R.L. – Vai ficando, vai acabar ficando, quer dizer, mas eu acho que...

K.K. – Talvez por esse fator recente da pós-graduação.

R.L. – Então começa... E a pós-graduação vai puxando essa coisa da especialização, você tem razão, você começa a ter essas coisas muito mais focadas, não é?

K.K. – Você citou, Renato, o Fernando Gil como uma coisa que teve um impacto, uma coisa...

R.L. – Um impacto gigantesco.

H.B. – (...) Um intelectual.

K.K. – (...) Um Intelectual que teve um impacto muito grande. Você poderia citar uma obra dele que...

R.L. – Do Fernando? Fernando tem uma obra impressionante, tem coisas geniais sobre, por exemplo, Camões, sobre Padre Vieira - na literatura ele fez coisas belíssimas. Mas foi na filosofia mesmo que ele fez... Quer dizer, a obra dele fundamental é na área da filosofia, então o livro principal dele chama-se *Tratado da evidência*, que é uma linha de investigação... *Tratado da evidência* ele publicou em anos 90, é uma linha de investigação que desenvolve desde os anos 60 que é um pouco a seguinte idéia: do ponto de vista de uma filosofia, o que valida uma filosofia? Quer dizer, o que valida um discurso, um enunciado? Uma resposta imediata que a gente pode dar é o seguinte: o que valida o enunciado é sua capacidade de dizer alguma coisa que esteja fora de si. Descrever uma dada situação e para isso o enunciado vai procurar se validar pela argumentação, eu vou argumentar para convencer você que o que eu estou dizendo corresponde ao que eu quero que diga, ou pela prova quando isso for possível, você tem lá o [argumentos] de prova. E o Fernando introduz uma idéia interessante. Além da

prova e da argumentação, há uma dimensão na qual o discurso é verdadeiro para o sujeito que fala. Antes de ele ser verdadeiro ou não para o sujeito que escuta.

H.B. – Auto-convencimento.

R.L. – Auto-convencimento, esse é lugar da evidência. Evidência é uma coisa que se dá entre a relação do sujeito com seu pensamento. É uma coisa, por exemplo, que a gente pega na legislação da independência americana, quando o Jefferson diz assim: “Tome essas verdades como auto-evidentes. Os homens foram criados por Deus, iguais, etc., etc.”- essa coisa de auto-evidente:dispensa prova, dispensa argumentação. Então ele constrói toda uma reflexão sobre a filosofia fundada nessa idéia de que o filósofo tem que *crer*, sobretudo a idéia da crença aparece como uma idéia... Isso é que me enlouqueceu, a idéia da crença aparece como uma idéia que faz a pregnância entre o sujeito que pensa e aquilo que ele toma como indisputado, quer dizer, aquilo que a partir do qual ele fala do mundo. Quer dizer, tudo que eu falo sobre o mundo eu posso questionar e duvidar, mas há uma dimensão que eu não posso duvidar e questionar porque senão eu não falo para o mundo, até mesmo porque o mundo é uma dimensão da interioridade do sujeito, que é uma dimensão solipsista, no sentido assim mais técnico. O interessante é que a filosofia política ela vem de atos solipsistas e fala para o mundo inteiro e coloniza o mundo inteiro, para a humanidade como um todo.

H.B. – Você falará bem para o outro se souber falar para si.

R.L. – Exatamente. Imperativo categórico kantiano, aquela coisa totalmente interna da ordem da evidência, mas que implica uma legislação para toda humanidade. Todos os pensadores, não é? Então esse é um ponto que o Fernando, quer dizer, isso já é o desdobramento, mas essa idéia da evidência foi o grande tema da filosofia dele. Aparece no *Tratado da evidência*, aparece nos *Modos da evidência*, aparece no último grande livro que ele publicou, chamado *A Convicção*, um livro de 2000. Esses são os três, os livros assim mais...

K.K. – E retrocedendo um pouco, se você tivesse que pensar uma obra ou um autor que foi muito marcante na sua... Ou porque foi um momento de virada para se tornar um cientista social, político, enfim, ou na sua trajetória...

R.L. – Sei, deixa eu ver... Caramba, esse é difícil... Aí tem a ver com o nosso querido professor Luis Castro Farias, não é? Tem a ver com o Castro Farias. Tristes trópicos, certamente, foi uma coisa...

H.B. – Um bom dia para se lembrar dele...

R.L. – Devastadora... Famoso capítulo XV da *Antropologia Estrutural*: “Noção de estrutura e etnologia”... Coisas da graduação, a gente teve uma graduação próxima, muito próxima...

H.B. – Boa, muito boa.

K.K. – Vamos retroceder um pouco, Helena?

H.B. – Vamos!

K.K. – Que a gente, enfim, podia falar um pouco disso, como é que foi isso, onde foi sua graduação e como que você decidiu, como é que foi a história de você decidir fazer uma...

H.B. – Ir para as ciências sociais.

R.L. – Eu fiz graduação na UFF, entrei, fiz dois anos de história, passei depois para ciências sociais, fui monitor de sociologia, fiz 15 cursos optativos em antropologia e acabei fazendo mestrado em política. Foi isso, minha graduação foi isso. Completamente...

H.B. – Mas era um grande momento da antropologia na UFF. Eu acho que eu fiz todos também.

R.L. – Era um excelente departamento, era gente que estava começando a pós-graduação no Museu, quando o Museu começou, então estava lá Rosilene, estava Cláudia, Cláudia...

H.B. – Que eu nunca mais vi, que foi do cinema, não é?

R.L. – É, casada com Paulo Thiago, aquele cineasta.

H.B. – A Mattoso, filha do...

R.L. - A Lucia, filha do Mattoso Câmara. Lúcia Câmara. Wagner Neves da Rocha, que era um sujeito genial, genial, que depois abandonou, virou psicanalista...

H.B. – Jeremias.

R.L. – Jeremias eu já não peguei.

H.B. – Passou mais rápido.

R.L. - Jeremias era mais metodologia, foi para USP depois.

H.B. – Epistemologia, não é? Aquela coisa.

R.L. – Mas havia uma turma de antropologia que estava se beneficiando da...

H.B. – [Castro Faria].

R.L. - Primeiro da presença do Castro Faria, não é? Que já era um intelectual consagrado naquela época, vindo da antropologia física, algumas coisas assim bem caretas, fez uma virada intelectual formidável, via estruturalismo, via... Primeira pessoa que eu vi falar em Bourdieu, que falou de Bourdieu foi o Castro Faria para mim, isso nos anos 70, Foucault, essas coisas todas, não é? Ele teve o papel muito grande de vascularização, não é? E quando eu lembro da minha graduação eu lembro basicamente disso, dos cursos de antropologia...

K.K. – E como é que você chega na UFF? Como é que era tua formação em casa?

R.L. – Como é que eu chego na UFF? Eu chego na UFF porque era o lugar que tinha o movimento estudantil mais ativo. E eu queria entrar para uma universidade onde eu pudesse fazer revolução, foi só por isso [risos]...

H.B. – Você tinha isso na cabeça? Claro?

R.L. – Tinha, porque no IFCS estava todo mundo preso, o AI-5 tinha passado o rodo no IFCS... Isso estou falando de 71, não é? E houve uma coisa engraçado porque gente caçada...

K.K. – Você é nascido no Rio?

R.L. – Sou nascido no Rio. Gente caçada no Rio dava aula em Niterói, tinha uma coisa assim, então Niterói foi o último lugar a ser afetado pela repressão.

H.B. – Muito bonito ali o lugar, não é?

K.K. – Você estudou em que colégio?

R.L. – No Colégio de Aplicação, da UERJ. Antiga UEG. Fiz o ginásio inteiro até o segundo ano clássico, depois eu fui fazer o terceiro ano no Colégio Andrews numa turma para desenho industrial. Aí eu fiz o vestibular todo para desenho industrial e fui para história [risos], tendo marcado como segunda opção literatura na PUC, [Poderia ter ido lá]. Foi quando eu conheci Luiz Eduardo, inclusive, foi nessa coisa de desenho industrial e...

H.B. – Ah, é? Isso eu não sabia...

R.L. – Foi, foi. Foi da mesma turma do Andrews, em 71. Nos conhecemos desde essa época. Ele foi para literatura, quer dizer, foi para Letras e eu fui para História na UFF, não é? Aí os mundos se separaram... Eu não tinha nenhuma relação com Niterói, nenhuma.

K.K. – Quer dizer, era a segunda opção de desenho industrial tua.

R.L. – Não, eu não cheguei nem a prestar, como dizem os paulistas, não cheguei nem a fazer a prova para desenho industrial porque no final do ano... Quer dizer, nesse ano de 71- já que a gente está falando da pré-história- eu conheci um sujeito extraordinário, que me impactou muito, que foi o saudoso Manuel Maurício, não é? Manuel Maurício de Albuquerque era um professor de história magnífico, era ex-professor do Instituto Rio Branco e da Fenefi. Foi caçado em 68, AI-5, foi assistente do Hélio Viana, um cara engraçado. Hélio Viana era uma historiografia bem... Helio Viana e do Pedro Calmon - ele começa a trajetória dele por aí. Se transforma num sujeito de esquerda de repente e sob o colo dele caiu Althusser, aquelas coisas todas. Então ele começou a fazer uma História do Brasil meio diferente. Hoje a gente teria vários problemas em relação ao modo de enquadrar as coisas. Mas era um professor extraordinário e ele foi...

H.B. – Era um professor extraordinário... Carismático, quem fala dele fala...

R.L. – Carismático, engraçado, as aulas deles eram... Quer dizer, as coisas que ele falava em sala não poderia mais falar hoje porque ele seria preso porque eram todas politicamente incorretas e, enfim, tinha uma misoginia que hoje seria insuportável, essas coisas. Mas era um sujeito brilhante. E ele atravessou, quer dizer, fez um corte aí com História, não é? Por que História? Eu tinha uns amigos que iam fazer ciências sociais, mas a idéia de que a história era a ciência, era a tal “ciência da história”, do Althusser, era isso. Quer dizer, eu tinha 17 anos e a leitura do Althusser naquela época me marcou muito. Então a idéia de que há uma “ciência da história”, um continente descoberto por Marx, que é a ciência da história, que se soma ao continente descoberto por Freud, que é o inconsciente, o continente descoberto por Daro... Cada um descobriu um continente, é uma coisa sempre assim, planetária, é uma loucura. E aí quando eu cheguei na UFF, História o que era? História antiga, medieval, entendeu? Primeiro embate foi logo com o Cesar Bittencourt, professor de História Antiga que dava primeiros cursos de História Antiga, História da Mesopotâmia, não é? Ele chamava de “Sociedade de Regadio”, “Modo de produção asiático”, o máximo que ele concedia era “Despotismo Oriental” [risos], era uma coisa engraçadíssima. E era uma turma infernal: eu, Melo - Marco Antônio da Silva Melo - uma turma realmente irredenta, de dedo levantado. E daí a passagem para as ciências sociais, porque história não era aquela história e nem podia ser, não é? Mas quando eu passei para as ciências sociais passou um pouco de história também, e foi exatamente nessa altura, final de graduação, que eu vim trabalhar no CPDOC como estagiário e aí a dimensão da história política, da história empírica nunca mais me abandonou, quer dizer, é uma coisa que eu tenho muita escuta ainda, quer dizer, uma coisa... Acho que eu resolvi isso bem, quer dizer, acabei...

H.B. – Escreveu um grande clássico, livro. É verdade.

R.L. – E acho que inclusive a minha... Quer dizer, se tem alguma originalidade no que eu faço em filosofia política tem a ver com isso, a idéia de que a filosofia política tem que falar do mundo, ela tem que falar do mundo, ela não pode ser um estudo só dos grandes pensadores. Então ela tem que aterrissar, então história é fundamental, não pode ser abstraída.

H.B. – Naquela graduação lá, evidentemente a antropologia era mesmo mais interessante.

R.L. – Era mais interessante.

H.B. -E na política era o Chico Ferraz, não é?

R.L. – A política tinha pouca gente. O Chico Ferraz que era um grande professor, um grande orador...

H.B. – Não era? Nessa época... Só me lembrei dele, não estou nem me lembrando de outros...

R.L. – José [Miro] Tavares.

H.B. – Ah. José [Miro]!

R.L. - Era um grande professor. Muito marxista, aquela coisa muito...

H.B. – Contemporaneidade do [não-cutâneo].

R.L. – É. Grandes professores, muito bons professores. Turma de antropologia talvez mais ativa porque era uma geração muito jovem começando a pós-graduação, então eles traziam para a sala de aula o que eles estavam aprendendo no Museu, fazia esse tipo de [Correlação].

K.K. – E você chegou a fazer uma monografia nesse curso?

R.L. – Não, nosso curso não tinha monografia.

K.K. – E aí você vai para Iuperj?

R.L. – Vou para o Iuperj.

K.K. – Como é que é essa passagem?

R.L. – Pois é, na verdade eu não passei da UFF para Iuperj, eu passei da UFF para o CPDOC e do CPDOC a nossa turma aqui foi para o Iuperj. Mesma turma. Eu, Monica [Hirst], Dulce Pandolfi, que mais? Lucia Hipólito, Regina Hipólito, eram cinco. O CPDOC era uma turma de 15. Era a bancada do CPDOC [inteira].

H.B. – Bancada do CPDOC.

R.L. - Helena já estava lá um ano antes, Maria Celina estava lá um ano antes, não é isso?

H.B. – É, Maria Celina é da minha turma de doutorado, acho que do mestrado, não sei, não me lembro...

R.L. – Sim, mas foi uma turma antes da nossa, uma ou duas turmas antes...

H.B. – Foi,foi.

R.L. - Então tinha lá uma... Eduardo Gomes, Eduardo Gomes também fez mestrado lá, que hoje está na UFF.Então foi isso, eu fui para ciência política um pouco por conta de ter passado aqui um tempo ainda constante em graduação e a coisa da vida política acabou tendo muita força.E na pós-graduação deu para juntar as duas agendas, a agenda mais teoria na filosofia política e a pesquisa histórica.

K.K. – E já foi o Wanderley teu orientador?

R.L. – Foi o Wanderley meu orientador do mestrado depois do...

H.B. – Wanderley Guilherme dos Santos?

R.L. – É. Exatamente. Que também foi outra pessoa que teve um impacto muito grande na minha trajetória porque naquela época tinha um pouco essa pegada também, quer dizer, Wanderley fez filosofia, ele é filósofo de formação...

H.B. – Por isso que eu fiz aquela recuperação.

R.L. – Pois é. E tinha uma agenda muito filosófica nessa época, não é? De pensar teoria política, os fundamentos do governo, os fundamentos das teorias do Estado, isso me atraiu muito. A agenda dele depois não me atraiu muito mais, porque é muito mais voltada a coisas ligada à escolha racional, enfim, que [ele foi uma das pessoas que] introduziu isso, mas aí houve afastamento de agendas, mas nessa época foi um impacto assim, muito forte.

H.B. – O mestrado e o doutorado?

R.L. – Mestrado?

H.B. – E o doutorado, foi com ele?

R.L. – E o doutorado, o doutorado também, foi com ele. O [mestrado] deu "A Invenção Republicana"...

H.B. – É esse. Esse é o livro, obrigada.

R.L. – É um livro que tem pesquisa histórica, bastante, mas é... Eu fiz depois uma segunda edição e na segunda edição eu fiz um prefácio que eu consegui entender o que estava escrito no livro, é um pouco exercício de história política filosoficamente orientada, uma coisa assim, questões filosóficas, que orientam aquela pesquisa histórica. E o doutorado aí foi uma coisa de teoria pura, foi mais uma coisa mais de filosofia política pura, sem história.

K.K. – E nessa altura você lembra de um... A gente estava falando, começou a falar isso por conta da... A gente tem aqui uma... A gente... De alguma forma o projeto e as entrevistas forma produzindo um pouco esse conjunto de obras que marcaram as gerações de cientistas sociais, então você acabou não respondendo naquela primeira vez que eu te perguntei, mas como eu te falei, não precisa ser um livro, pode ser um autor ou... Nessa época de formação, alguma coisa que tenha te... Que tenha te...

R.L. – Graduação?

H.B. – Graduação ou depois.

R.L. – Deixa eu ver na graduação. Não tem, não, li tanta coisa, falei dos *Tristes Trópicos*, teve um impacto muito grande... Deixa eu ver outro livro... O livro do Sheldon, esse foi um livro também que teve um impacto imenso, chamado *Politics and vision*, que é um filosófico político americano sensacional, publicou mais recentemente uma biografia do Tocqueville que é espantosa, fabulosa, coisa assim, de altíssimo nível. Esse teve um impacto grande, a minha aproximação com a teoria política e filosofia política... Deixa eu ver... Sabe o que a gente lia muito, Karina? A gente lia muitos clássicos, não é? Muitos clássicos. Então uma coisa que me impactou imensamente foi,

por exemplo, uma literatura que eu não conhecia - que vinha de uma formação de esquerda, marxista, toda marxista- foi, por exemplo, *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, esse foi um livro que nos enlouqueceu e sobretudo o livro que me enlouqueceu pessoalmente foi *A grande transformação*, do Polanyi, acho que esse foi o livro de fim da graduação, foi o livro...

H.B. – Muito bom, não, é?

R.L. - Muito bom, foi um livro assim que... Que mais? Quer dizer...

K.K. – Não, não é uma enciclopédia, é um pouco para... É interessante ver coisas, por exemplo, a geração mais velha fala muito de Gurvitch.

H.B. – Mannheim.

R.L. – Mannheim eu vim ler depois. Li depois Mannheim.

K.K. – É interessante que tem assim uma espécie de vocabulário bibliográfico de gerações, assim, quem fez anos 60, todo mundo comenta um pouco desse...

R.L. – A gente lia muitos clássicos, eu li muito Weber, li muito Marx, muito Durkheim, quer dizer, tinha que ler e era legal, eu tinha bons professores, então...

K.K. – E uma coisa que a gente tem pedido um pouco, dando agora um salto, quer dizer, você foi aluno de ciências sociais, mesmo que aproveitando seus créditos de história, e hoje você é professor de ciências sociais. Você podia fazer para gente uma comparação do que você acha que foi a sua formação com o que os estudantes estão recebendo hoje e o que você avalia dessa...?

R.L. – Eu acho que os estudantes estão recebendo hoje uma formação pior. Eu acho. Agregadamente. Agregadamente, eu acho. Porque excelentes professores trabalhando hoje, quer dizer, com carreiras acadêmicas muito mais estruturadas do que naquela altura, mas - como é que eu posso dizer? É complicado dizer isso... Mas a impressão que eu tenho é que você não tem uma concepção de curso, de formação, porque havia uma coisa na minha geração que faz uma diferença muito grande - para o bem ou para o mal, isso é secundário- que é o fato de que não havia separação entre o que a gente fazia dentro da universidade e o que a gente pensava que fazia fora da universidade, quer dizer, a coisa da vida mesmo, da política, do envolvimento existencial, enfim... E eu acho que hoje a ciência social está muito mais profissionalizada do que ela era antes. Os alunos até aprendem coisas de maneiras mais regrada: aprendem técnica de pesquisa, aprendem a tratar de um certo objeto, mas eu acho que tem muito menos a idéia hoje de que você tem uma discussão pública, que você tem algo além do que está acontecendo na sala de aula ou no laboratório de pesquisa, entende? Eu tenho um pouco essa impressão, quer dizer, eu não posso provar isso...

K.K. – Claro. Não. São impressões mesmo.

R.L. - É da ordem da impressão, não é? Eu acho que também a coisa da universidade pública tem aspectos que eu acho que... Você sabe disso, todos nós sabemos disso, não

é?Que ao mesmo tempo em que abriga coisas muito boas, abriga coisas muito ruins e abriga com...

H.B. – Muita dificuldade, não é?

R.L. - Estabilidade de emprego.Às vezes eu olho para certos concursos: “Que bom que fulano entrou”.Aí eu olho: “Mas entrou também, vou ficar 35 anos aqui sentado, meu Deus, pobres desses alunos!”.Quer dizer, não é que isso não existia naquela época também, mas eu acho que... É difícil dizer isso, eu estou tentando dar uma fórmula mais analítica para isso... Eu acho que rotinizou mais, eu acho que o saber está mais fragmentado, está menos politizado no sentido de que o que nós fazemos na universidade não tem a ver com o que a gente faz fora da universidade...

H.B. – Quer dizer, tem um estreitamento.

R.L. – Virou profissão, virou profissão. A coisa se transformou numa profissão. E hoje nós ensinamos aos alunos a se profissionalizarem, que era uma questão que não existia. Não existia. Para o bem ou para o mal, quer dizer, a questão aqui é comparar, não é valorar, fazer valorações, não é?

H.B. – E é curioso porque uma formação que foi mais geral, menos comprometida com a profissionalização.

R.L. – Foi mais geral. Empregou mais.

H.B. - Empregou mais, as pessoas... Mas isso também tem um dado também de mercado, tudo isso.

R.L. –Tem a ver com o mundo que a gente combatia, o milagre brasileiro, crescimento, a gente não percebia isso, só caía de pau, não é?Mas era um mundo que estava... Brasil estava sendo reinventado naquela época e sobrou para a gente também, no sentido positivo, nos incluiu.

K.K. – E era um grupo bem menor.

R.L. – E era um grupo bem menor.

K.K. – Hoje se produz também levas e levas... [risos]

R.L. – Mas essa comparação minha ela é totalmente idiossincrática, eu acho que...

K.K. – Mas até fazendo um exercício de imaginação, quer dizer, o que você- a gente tem também ouvido vários entrevistados sobre isso - se você tivesse que pensar a formação hoje - você até como uma pessoa tão importante, não só hoje nos programas do Ministério de Ciência e Tecnologia, mas já meio que uma passagem muito forte nas políticas científicas do estado do Rio, pela Faperj, enfim, com uma atuação de política pública muito forte na ciência- você certamente tem que lidar com o público alvo dessas políticas, que são os cientistas sociais. Então o exercício de imaginação, o que você acha que... Que cientista social é esse que a gente poderia desejar, enfim, que estivesse recebendo essas ações da política científica?Um pouco a tua avaliação desse público...

R.L. – O que nós temos ou o que a gente poderá desejar?

K.K. – Os dois! Acho que a gente quer ouvir um pouco isso.

R.L. – A generalização é complicada...

K.K. - O que está produzindo essa ciência social sobre a qual a gente está aqui elucubrando, não é?

R.L. – Não, acho que é uma ciência social muito produtiva, quer dizer, muita gente fazendo muita coisa, mas eu acho o seguinte, eu acho que é uma ciência social muito profissionalizada; muito profissionalizada com pouca reflexão sobre temas como política científica, por exemplo.. Na verdade é um curso de usuários de programas de fomento. Que os físicos façam isso, que os biólogos também - não fazem, mas se eles fizessem isso - seria compreensível. Mas eu acho que pela natureza da ciência social, quer dizer, acho que seria um objeto obrigatório de consideração seria refletir sociologicamente sobre as condições nas quais se faz política científica, como é que ela é, quais são os valores que orientam essa política, quer dizer, não tem uma reflexividade sobre isso comparado a nossa capacidade de utilização dos recursos. Então às vezes eu olho isso e vejo um mar de fragmentos, coisas fragmentadas que nem sempre se conectam. Isso é uma coisa que mais me preocupa, que mais me... Pelo sentido negativo, essa cissiparidade...

H.B. – Pois é, mas você acha que a comunicação eletrônica, a velocidade, a disponibilidade como nunca. Isso de fato nunca houve na história antes... Nunca. Isso, de fato, nunca. Você teve acesso a um volume tão extraordinário, porque a nossa geração é uma das- a nossa não que eu sou mais velha - uma das indicações de poder que alguém tinha era exatamente ter conhecimento ou ter um livro que o outro não tinha, ter uma informação que o outro não tinha acesso, era um segredo e era um segredo também fisicamente possível, porque você não tinha como comprar, tinha que esperar...

R.L. – Era uma coisa engraçada, a nossa internet era a livraria Leonardo da Vinci.

H.B. – Leonardo da Vinci, tinha que esperar três meses...

R.L. – Quando chegavam as caixas de livro, a gente ia ver o que tinha chegado, não era nem para comprar não, era a última coisa que saiu...

H.B. – A última coisa que saiu... Então num certo sentido não faz muita diferença da nossa para os rapazes de Minas lá, o Drummond e lá o [Bar do Ponto], livraria do...

R.L. – É, não tem muita diferença.

H.B. - Década de 20, no entanto...

R.L. – Éramos poucos que falávamos língua estrangeira, ainda tinha isso...

H.B. – É, em 15 anos isso virou uma coisa inteiramente descabida...

K.K. – Hoje se compra muito e se lê pouco. [risos]

R.L. – Acho que esse é o ponto, quer dizer, a coisa do pensamento, entendeu, a coisa do pensamento...

K.K. – Têm-se os livros, mas não se tem tempo para ler. [risos]

R.L. – Têm-se os livros. Têm-se os livros. Agora, o pensamento, nós estamos pensando? Quer dizer, deve haver um ponto ideal, os poetas da ciência política chamam de lugar de *trade-off* ideal que é entre volume de informação e pensamento, mas isso é um lugar ideal, isso em eixo cartesiano você desenha esse ponto [na hora], agora na vida prática, quer dizer, a velocidade dessas coisas acaba por ser incompatível com pensamento, com reflexão. Eu não sou um apocalíptico no sentido de achar que não tem saída, mas também não me encanto com essa coisa não, quer dizer, eu acho que uma coisa que o Milton... Milton... Aquele geógrafo... Milton Santos dizia que é uma coisa muito linda: “A diferença entre homens lentos e homens rápidos”; que o pensamento tem que ser lento. E às vezes eu olho para os meus colegas e alunos e eu tenho a impressão que eles estão jogando tênis com quadra rápida, aquele tênis de saque voleio, não é? No lugar de tênis com fundo de quadra... No lugar do pensamento, não é?

H.B. – Agora, Renato, isso tem muito que ver também com uma coisa muito positiva de ampliação, de democratização, de acesso, uma coisa quase toquevilliana...

R.L. – Tem, sem dúvida. Estamos replicando aqui o ponto do Tocqueville.

H.B. – É, pois é, então tem esses riscos e tal e nesse emaranhado, nós falamos dos professores, você é contra estudantes que se diz “não, ali tem, ali dá”. Você tem isso? Você vê que tem?

R.L. – Encontro, encontro. Nós todos encontramos, eu tenho certeza, quer dizer, enfim, eu estou fazendo um quadro muito por cima...

H.B. – Que é o marco mesmo. Não é por cima.

R.L. - Mas isso não elimina as possibilidades de esforços contrários, quer dizer, de vinculação, de chamar atenção...

H.B. – Mas serão exceções, claro.

R.L. – São exceções porque a vida puxa para a fragmentação. Agora, nada impede que politicamente a gente induza na outra direção. Por exemplo, na coisa do programa de ciências sociais CPLP, uma possibilidade na configuração dos editais, uma coisa que eu estou pensando lá com o pessoal, é não induzir temas - porque isso é complicado-, mas indicar cooperação multidisciplinar como fator positivo. A gente já faz isso, aliás. Para evitar que você tenha um projeto de política, um projeto de sociologia, um projeto de antropologia, então... Você induz a um tipo de... Aí você tem que formar um profissional capaz de falar várias línguas. Ele fala várias línguas, não fala (no sentido do idioma)? Então é preciso falar várias línguas intelectualmente também. **Desculpa, eu cortei você.**

K.K. – Não, não, imagina. A gente é que não pode te cortar. [risos] Como alguém que lida com esses projetos da comunidade científica toda, o que você acha que é... O que são os vícios e as virtudes, vamos dizer assim, desse material que chega? Você chega a ler muitos desses projetos, ou você está mais administrando outros comitês que fazem avaliação...?

R.L. – Nós estamos agora começando a fazer a primeira avaliação grande, lendo alguns relatórios. Ainda não tenho nenhuma opinião assim...

K.K.- Mas existe algumas políticas que, por exemplo, não tem demanda? Vocês não conseguem preencher? Tem tido alguma dificuldade nisso ou não? Vocês tem tido plena resposta...?

R.L. – Tem, tem tido. Eu acho que a resposta tem sido muito legal, sabe? Sobretudo desse programa de ciências sociais CPLP. O Pró-África eu assumi agora e tenho uma memória menos formada. Tem acontecido o seguinte: alguns projetos estão acumulando trabalho- o projeto de vocês acho que é o exemplo notável disso. Tem um projeto feito pelo pessoal de Coimbra junto com Sergipe e Angola, dirigido pelo... Aqui no Brasil pelo Rogério, lá de Sergipe e que Rogério... - Ah... Memória... - Ele é um dos diretores da Anpocs agora. Um jovem cientista social, um cara muito interessante. E pelo lado português o Carlos Fortuna, que é um sujeito muito interessante, um sociólogo urbano assim, [zimbiliano] finíssimo. Esse grupo também vem trabalhando de maneira... Onde a gente consegue acumulação, ou seja, financiamentos sucessivos, você tem um impacto... Você vê que ali sai uma coisa melhor. Então nessa Anpocs eu assisti lá o Fórum de cidades que eles organizaram, esse grupo, não é? Esse do Carlos Fortuna e do Rogério -daqui a pouco eu lembro o nome dele. Sempre comparação, cidade portuguesa com a cidade brasileira, extremamente interessante. Muito interessante.

K.K. – É, um aluno meu foi a esse Fórum, gostou muito.

R.L. – Muito legal. Assisti o primeiro, me chamaram para abrir, assisti à primeira sessão. São Paulo - Porto, Bairro Alto... Bairro Alto com a Lapa, enfim, cruzamentos assim, comparações por contrastes, muito interessante. Aí você tem o antropólogo, tem o sociólogo, tem o urbanista, tem que ter urbanista. Isso eu gosto, acho legal isso. Você faz uma conversa. E para os alunos jovens ouvindo isso é como se musicalmente você tivesse abrindo o ouvido, não é? Mostrando diferentes instrumentos, olha, o som, o ouvido pode escutar esse som. Isso tende a... Agora isso é praticado de maneira desigual pelas diferentes disciplinas, eu acho que a antropologia e a sociologia estão mais preparadas para isso. Tem a ver também com... Eu estou cada vez mais convencido de que essas coisas de que as ciências sociais são compostas de três disciplinas que tem algum tipo de equivalência não é verdade. Acho que a política ela é diferente por duas razões: primeiro, se você pensar o pensamento político, ele é muito anterior, começou lá na... E segundo, quer dizer, se você pensar a política como ciência política, é um saber que por ter o nome do seu objeto, ele cola no objeto. Enquanto que a sociologia e a antropologia são perspectivas de observação de outros objetos: sociologia não trata de sociologia, pode até tratar, mas não foi feita para tratar da sociologia.

H.B. – Tratar da sociedade.

R.L. – Tratar da sociedade. E a sociedade é qualquer coisa: sociedade do copo na mesa, das madeiras de comer, o objeto não está... E a política tem a ilusão de que existe um objeto chamado política e que ela tem que tratar aquilo. E nessa simbiose de sujeito e objeto ela acaba por ser uma ciência conservadora. Ela precisa conservar seu objeto intactamente para que a própria ciência do objeto permaneça. Enquanto a sociologia é mudança o tempo todo, quer dizer, eu não quero preservar, quero ver como é que mudam as coisas.

H.B. – E com isso você define o que é política e onde ela não está. Ela pode não estar em uma porção de lugares.

R.L. – Então acho que isso aí define cientistas sociais diferentes, com linguagens diferentes.

H.B. – Muito interessante isso.

K.K. – E em Portugal a gente tem percebido também que ciência social incorpora a história.

R.L. – E um dos efeitos é esse, [fazer] uma ciência social mais histórica e mais sociológica.

K.K. – Aqui a história está sempre se colocando como uma coisa a parte e lá faz parte desse... Não é uma tríade... É um quarteto.

R.L. – O próprio ICS é isso. No ICS você tem geógrafos, demógrafos, sociólogos, historiadores, antropólogos. É outro desenho. Aqui é impensável. É o desenho das antigas faculdades de filosofia, que acabaram, não é? A USP talvez seja a última, não é? Nesse sentido. Eu acho que é uma coisa também... E que reflete na coisa da cooperação. Sociólogos e antropólogos estão mais dispostos a jogar o jogo da cooperação internacional. [É visto pela] [INAUDIVEL] pela clientela.

K.K. – E aproveitando que você está fazendo essa comparação mais interna, e quando ela se torna mais externa, por exemplo, as ciências sociais e as outras áreas, você estava citando no Pró-África saúde, vida...?

R.L. – Não tem interação, não tem tido interação - seria legal se tivesse. Quer dizer, você tem ainda uma separação das grandes áreas. Então há temas, por exemplo, como AIDS -e outros temas também - daria para trabalhar a transversalidade entre elas, entre a grande área e uma da... Com outras áreas, uma coisa legal isso. Coisa de *etno-sciense* também daria uma coisa interessante também. Enfim, está aberta, coisa para desenvolver, coisa que pode ser feita.

K.K. – São muitos...

R.L. – São muitas coisas.

H.B. – Eu acho que invés de te agradecer tem que te dar parabéns, foi o que me ocorreu fortemente.

R.L. – Ah, que isso. Tem uma coisa que eu estou tentando organizar lá no Iuperj, a Finep vai nos ajudar, que tem a ver com o que vocês estão fazendo, quer dizer, que é montar um observatório dos países de língua portuguesa. E a idéia é a seguinte: eu tenho um grupo lá de alunos, fiz uma equipe com grupos diferentes: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor e Cabo Verde. Então são vários planos de complexidade. O primeiro, plano de menor complexidade, é o seguinte: é produzir boletins semanais sobre o que acontece nesses países: indicadores políticos, sociais, enfim, cobertura assim, mais jornalística, mais informativa, não é? Análises mensais transversais, um tema já assim mais pesado, encomenda para alguém fazer um ensaio a respeito disso. E outra coisa, que acho que é a coisa mais interessante, é recolher o que nesses países está sendo produzido sobre eles próprios: quer dizer, como é que Moçambique se pensa o país, como é que [os territórios] angolanos pensam a si mesmos. Independentemente de estarem na universidade ou não estarem na universidade.

K.K. – Vocês vão gerar um banco de dados também?

R.L. – A idéia é fazer um banco de dados, quer dizer, fazer um portal, onde você pode entrar por temas ou por países. Angola. Aí você tem Angola lá, o dia-a-dia, o que está acontecendo, a conjuntura, algum ensaio sobre alguma questão mais estrutural, mais histórica e sei lá, de repente um ensaio do Luandino Vieira, uma coisa de algum intelectual angolano sobre o país... Então a idéia é...

H.B. – E isso a internet é fantástica.

R.L. – Isso é a internet, é. Então é uma coisa que vem também disso, não é? Vem dessa...

K.K. – E me surgiu agora uma dúvida: e a área de relações internacionais, que também está num *boom* de crescimento, ela passa por aí, vocês tem tido...?

R.L. – Começa a aparecer. Começa a aparecer.

K.K. – Porque você hoje não tem mais só especialistas em Europa e América.

R.L. – Exato, começa a aparecer. Aparece, por exemplo, apareceram dois projetos sobre Timor, com essa perspectiva de...

K.K. – Porque aí esses estudantes de pós-graduação poderiam participar do observatório, uma vez que seus objetos tivessem ligados aos países...

R.L. – É. Quer dizer, a idéia qual é? A idéia é criar uma base de informação de reflexão sobre o espaço lusófono. Para em um segundo momento criar inclusive cursos de pós-graduação. Cursos que podem complementar a outra pós-graduação. Com uma certa...

H.B. – Você pode criar um banco de tese, por exemplo. Ali, já.

R.L. – É. Quem fizer doutorado, mestrado em política tem uma área de concentração de estudos... Não tem a [INAUDIVEL]?

H.B. – Claro.

K.K. – Já tem uma... Eu achei uma tese...

R.L. – Estudos... -Tem que inventar o nome - "Estudos Lusófonos", não é exatamente... "Estudos... sei lá... Eu não tenho papas na língua, por mim eu chamaria "O mundo que o português criou", está certo? Mas aí os colegas africanos não vão gostar.

H.B. – É verdade.

K.K. – E isso poderia ser um berçário para essa sede da Associação Luso-Afro? Você é desvinculado.

R.L. – Não, isso... Desvinculado. Desvinculou, é...

K.K. – Quem será que vai sediar essa possível Associação?

R.L. – Essa Associação ela foi... Tentou se fundar essa associação em 2000 lá no congresso do Porto. O Carlos Fortuna foi até o primeiro presidente e eu fui o primeiro vice-presidente. Aí por isso não deu certo. Não dava certo, por exemplo, registrar o diabo da associação. Não tem... Onde é que vai registrar? Brasil? Portugal? Quer dizer, uma loucura. É difícil você fazer uma associação porque a gente tem uma concepção muito portuguesa, brasileira, ou seja, vamos primeiro definir a diretoria e depois... Aí, Eureka! Vamos fazer o seguinte: quais são as áreas de interesse, as áreas temáticas e tal, quem está estudando o quê, aonde. Aí cria o grupo lá, *tatata*. Aí [nucleia], cria estrutura federativa, cria uma estrutura de comunicação entre esses núcleos, essas pessoas fazem a programação dos congressos e você tem uma diretoria pequena que simplesmente mantém a coisa, quer dizer, fazer um formato mais leve. Então eu fiquei encarregado junto de outras pessoas de preparar um estatuto para que fundem essa associação no próximo congresso que vai ser em Salvador. Então ela ainda vai ser criada.

H.B. – Que é quando?

R.L. – Vai ser acho que final de 2010, quem está organizando o Livio Sansone, lá da UFF. Então lá vai ser fundada, vai ser eleita a diretoria, enfim, não quero nem saber disso. O trabalho... Isso não tem a ver com... Esse projeto que eu falei é o projeto acadêmico mesmo, do observatório, projeto sediado no Iuperj. Se o Iuperj desistir...

H.B. – Então você acha que essa Associação Luso pode ter uma sedezinha no Brasil? A tal diretoria?

R.L. – Eu não sei. Isso vai depender de como é que a coisa se viabiliza porque tem várias coisas aí que ainda tem que ser resolvidas. Por exemplo, eu acho que uma associação dessa só tem viabilidade se ela associar associações. Você fazer uma associação com base individual no Brasil já é complicado. E se você cria... Então na verdade...

K.K. – Quem tem o *know-how* sobre isso, imagino, é a Marieta Moraes Ferreira, que criou a Associação Internacional de História Oral. Eles têm um *know-how*, fazem ótimos eventos e tem esse caráter que circula, ao mesmo tempo tem uma estabilidade e

é realmente internacional, é um dos poucos eventos que não é, vamos dizer assim, majoritariamente italiano ou inglesa...

R.L. – Ah, que legal isso. Pois é. Foi bom você falar isso, vou pedir para ela o estatuto até. Se elas tem isso. Porque, por exemplo, a circulação é o imperativo político, tem que circular. E se tem que circular, não pode ser pesada. Senão fica que nem a Anpocs - a Anpocs nunca mais vai poder sair de São Paulo, não é? Não pode, não pode. Está lá e tal. Então vai ter que... Moçambique, Brasil, Cabo Verde, tem que ser uma estrutura muito leve lá em cima e pode ser pesada na ponta. Aí você tem um grupo aqui que trabalha tal coisa, nucleia com não sei quem. Então a idéia é fazer uma coisa... E, sobretudo, em ciências humanas, isso é uma demanda dos colegas dos outros países, eles querem abrir.

K.K. – E além de você... Esse observatório de países da língua portuguesa, quer dizer, você teria outros pesquisadores assim também coordenando, você já teria colaboração de pessoas nesses outros países?

R.L. – A idéia é... Quer dizer, pretendo ter colaboração, aí idéia é a seguinte: tem um coordenador acadêmico, que sou eu, vai ter uma coordenadora executiva, que é uma estudante minha de mestrado, de doutorado e o corpo de pesquisadores é basicamente estudantes de mestrado e doutorado do IUPERJ. Agora, além disso, tem um conselho consultivo, que é um conselho internacional, com gente dos diferentes países, e a idéia é ter em cada país uma equipe, uma equipe do observatório em cada país, isso já numa fase...

H.B. – Não, mas até para começar tem que ter porque essa notícia...

R.L. – Para a gente tem, porque a gente pode, enfim... 30 páginas de internet, blog, essa coisa toda você produz, dá para fazer daqui, mas é legal ter gente lá, alimentando. Inclusive gente que a gente formou aqui, gente que fez mestrado e doutorado aqui no Brasil que voltou para os seus países, pode participar. E além também de uma rede de instituições afins, quer dizer, esse projeto de vocês, por exemplo, tem tudo a ver. A gente pode fazer, imaginar uma forma de cooperação, quer dizer, ter algum tipo de associação. Então a idéia é criar um ambiente de produção e, sobretudo, de divulgação do que existe neste espaço e que vai ter superposição com o que vocês estão fazendo, com certeza.

K.K. – É, inclusive nós tivemos notícia, você vai a Moçambique ainda esse ano?

R.L. – Vou, vou, dia 14 agora, vou. Uma visita lá do... Sergio Rezende deve ir também, mas é, sobretudo, uma visita do CNPq, para avaliar o programa de bolsas que o CNPq tem em Moçambique.

K.K. – Essas bolsas que são através da embaixada...?

R.L. – Bolsa através da embaixada e bolsas que o governo brasileiro deu diretamente; o próprio CNPq, decisão do Sergio Rezende, deu 30, 40 bolsas lá para Moçambique.

K.K. – Para a universidade Eduardo Mondlane?

R.L. – Isso eu não sei, se é para universidade só, só para universidade, acho que foi mais geral já. Mais geral.

H.B. – A pesquisa lá é mais na universidade ou com centros independentes?

R.L. – Na universidade. Mas acho que já começa a ter uma vida independente porque é muito dinheiro em Moçambique. E há um problema em Moçambique que é o seguinte: muito dinheiro internacional e que não passa pelas instâncias do Estado. Então eu tenho um aluno, que fez uma tese de mestrado belíssima, Francisco Conceição, moçambicano, que é sobre o impacto da ajuda internacional em Moçambique sobre a soberania do país. Então é uma coisa grave, a pessoa chega como dinheiro e com a política pública junto com o dinheiro, ele não passa pelo Estado. Então isso dificulta até saber, o que está sendo feito, você não tem um canal. Os caras ficam chateados lá com isso, quer dizer, como é que pode? ONGs e fundos internacionais, bem intencionados, então... Boas intenções enlouquecem o planeta, não é?

K.K. – Então, acho que é isso. Aprendemos muito. Queremos agradecer, Renato, a sua disponibilidade

R.L. – Imagina, puxa vida. Não, foi um prazer, depois falando aqui fiquei lembrando de algumas coisas, enfim, mas depois a gente pode... Voltamos e conversamos depois...

K.K. – Não, mas pode... A gente tem sempre um... Acho que a gente pode encerrar, Marcelo. A gente tem geralmente uma segunda etapa também, com interesse, por exemplo, em pedir para...

[FIM DO DEPOIMENTO]